

Editorial

Ao passo que o encontro histórico do continente africano com o comércio de escravos promovido pelos impérios ocidentais causou, entre outras coisas, a depreciação das religiões africanas, resultando, inclusive na proibição e rejeição de suas cosmovisões e no abandono de aspectos de suas cosmologias, simbolismos e práticas rituais, as religiões africanas desenvolveram, por outro lado, respostas próprias a tais circunstâncias, proporcionando a influência mútua e a revitalização de aspectos importantes das culturas religiosas autóctones dos povos africanos, tanto no continente como na diáspora. O encontro violento do transatlântico transformou o pensamento e a prática religiosos autóctones, mas não os suplantou; as religiões africanas autóctones preservaram muitas de suas crenças e práticas rituais, ao passo que também se ajustaram ao novo ambiente sociocultural. Mesmo o cristianismo e o islamismo também foram transformados nesse processo. Tal interação revela um quadro de compreensão das religiões africanas integrante e inerente aos processos de globalização.

O significado histórico e cultural das tradições e espiritualidades religiosas africanas se manifesta, assim, em sua pluralidade tanto na África como na diáspora africana. A dimensão global das religiões autóctones na África transcende o continente para a diáspora africana. A migração, o turismo e a apropriação de novas tecnologias de mídia facilitaram a inserção das religiões africanas em novos contextos. A diáspora africana, resultante do comércio transatlântico de escravos, influenciou profundamente as culturas de países como Brasil, Cuba, Haiti e o resto do chamado Novo Mundo, produzindo, por sua vez, o desenvolvimento de religiões derivadas da África, tais como o candomblé nagô e a umbanda no Brasil, a santeria (lukumi, macumba) em Cuba, o vodun, as tradições iorubá-orixá e outras tradições enraizadas na África Ocidental e Central que renascem em novas formas nas Américas. Essas formas religiosas se proliferam no contexto da diáspora, com o alcance ampliado de adeptos e clientela multiétnica e multirracial. No Brasil, que possui a maior população negra fora da África, e em outros contextos da diáspora africana, as religiões afrodiáspóricas sobreviveram a várias décadas de criminalização de suas crenças e práticas. Em geral, religiões de origem africana como o

candomblé e a umbanda no Brasil ainda enfrentam o racismo institucional e a demonização pública, do mesmo modo que a maioria dos afro-brasileiros é afligida por injustiça racial e marginalização sociopolítica.

Apesar dessas ameaças de sobrevivência e extinção, os africanos e afrodescendentes continuam lutando para preservar sua herança cultural e identidade religiosa. As religiões africanas e afrodiáspóricas têm impactado outras religiões no mundo, assim como foram influenciadas por elas. Por exemplo, o português brasileiro foi influenciado ricamente por pessoas de ascendência africana e suas respectivas línguas, enquanto um novo vocabulário afro-brasileiro eclodiu. Os rituais do candomblé foram incorporados ao tecido da identidade nacional brasileira, desde as oferendas ao mar no Ano Novo durante o Réveillon à capoeira, rodas de samba e preferências culinárias como o acarajé. Na umbanda, há uma associação livre de santos católicos romanos com divindades africanas e indígenas. As religiões africanas e afrodiáspóricas também moldaram a arte mundial, a escultura, a pintura e outros artefatos culturais que povoam os famosos museus, galerias, bibliotecas e exposições de arte do mundo. A mercantilização da arte e dos objetos religiosos africanos é crescente. Embora geralmente deslocada do seu contexto “religioso”, o conhecimento hortícola, culinário e medicinal obtém contribuições significativas dos povos africanos autóctones e de sua epistemologia. O caráter das religiões africanas e afrodiáspóricas em condições de globalidade continuará a ser determinado e moldado por como e em que medida elas negociam continuidade, identidade e mudança.

A resiliência das tradições religiosas autóctones na África e das religiões de origem africana na diáspora demanda atenção acadêmica para explorar como e em que medida elas são fundamentais para a vida cotidiana de africanos e afrodescendentes. A religião é crucial para a compreensão dos povos africanos bem como das suas comunidades diáspóricas em um contexto global. As religiões africanas abrangem fenômenos que são definidos primordialmente no que diz respeito à sua oralidade, orientação cosmológica e ritual em direção a panoramas geoculturais específicos. Uma compreensão adequada de suas complexas cosmologias religiosas, tradições e culturas aprofunda a compreensão dos povos africanos e afrodescendentes em condições de

globalidade. A religião, portanto, é um motor para a formação da diáspora e para a construção e manutenção de identidade cultural e sistemas de valores.

Em que medida as cosmovisões e religiões africanas autóctones permanecem relevantes para os africanos no continente e seus descendentes na diáspora, especialmente em uma era globalizante? Como sintetizar os sistemas de crenças, cosmologias, rituais e práticas das tradições religiosas africanas em uma referência coerente e um guia sagrado para adeptos e não adeptos? O que faz as religiões africanas sinalizarem contra o cenário de xenofobia e privação socioeconômica em contextos de secularização acelerada? O que explica a resiliência das tradições religiosas africanas apesar de uma percepção pública negativa? Como e em que medida as religiões africanas e as religiões derivadas da África moldaram os contextos locais, as culturas e as sociedades dentro dos quais elas são praticadas? Até que ponto as religiões africanas autóctones e as religiões afrodiáspóricas são influenciadas por outras tradições religiosas no âmbito global? Como e em que medida as religiões africanas autóctones e as religiões derivadas da África respondem a questões globais de pobreza, corrupção, conflitos, paz, liberdade religiosa e mudanças climáticas? Essas pertinentes questões e problemas motivaram a organização do primeiro Colóquio das Religiões Africanas Autóctones Globais na Universidade Obafemi Awolowo, em Ile-Ife, Nigéria, em agosto de 2016, um evento histórico com a participação de cerca de 100 participantes (estudiosos, pesquisadores, religiosos e atores políticos), oriundos de três continentes: África, Europa e Américas.

A 2ª Conferência Global de Religiões Africanas e Afrodiáspóricas eclodiu no encalço desse bem-sucedido evento, sendo realizada na Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil, nos dias 22-25 outubro de 2018. A escolha do Brasil como sua sede foi estratégica. Em primeiro lugar, a diáspora africana é basilar para a compreensão da globalização das religiões africanas. Em segundo lugar, a diáspora africana foi declarada pela União Africana (UA) como a 6ª região da África. Em terceiro lugar, o Brasil é o lar da maior população negra (diáspora africana) no mundo, depois da Nigéria. Dados demográficos recentes do Brasil mostram os afro-brasileiros como maioria pela primeira vez, com os resultados do censo de 2010 revelando que mais de 50,7% da população agora se identificam como pretos ou pardos, em comparação com 47,7% que se definem como brancos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE). Por fim, o

Brasil é a terra do candomblé, uma das maiores religiões de origem africana do mundo. A 2ª Conferência Global de Religiões Africanas e Afrodiaspóricas proporcionou uma plataforma significativa para estudiosos, praticantes de religiões africanas e afrodiaspóricas, atores políticos, grupos comunitários da diáspora africana, ONGs, organizações religiosas e públicos interessados em avaliar criticamente o status, a natureza e o papel das religiões africanas e afrodiaspóricas globais em perspectiva tanto local como global. A conferência explorou abordagens variadas para o estudo das religiões oriundas da África com ênfase no foco regional e diaspórico, discutindo ainda os desafios específicos enfrentados por estudantes e pesquisadores das religiões africanas e afrodiaspóricas em todo o mundo. Com a participação de representantes 5 continentes, esta conferência também buscou encorajar pesquisas acadêmicas, explorando vias de documentação e preservação das religiões de origem africana. Pouco mais de um ano após a sua realização, a Revista Numen disponibiliza um grupo seletivo de textos desenvolvidos a partir das apresentações feitas durante a conferência organizada pelo PANAFSTRAG (Pan African Strategic and Policy Research Group). Com autores baseados no Brasil, Estados Unidos, Alemanha e vários países africanos, esse volume especial se propõe a ampliar a conversa iniciada em Juiz de Fora, e ampliar o interesse na riqueza das religiões africanas tanto no continente como na diáspora.

Assim, os artigos que compõem este número da revista, embora guardando suas especificidades e complexidades tratam das pesquisas que vêm sendo realizadas em torno do tema em seus diferentes aspectos.

O artigo que inicia esta edição e introduz as discussões promovidas no evento é o texto da palestra de abertura da Conferência, *Rethinking African Religious Traditions in Local and Global Context*, de Jacob Olupona.

A resistência histórica das religiões afro-brasileiras e dos africanos no Brasil, assim como o racismo existente no país são analisados nos artigos de Ivanir dos Santos em *A Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa e seus desafios para a construção dos diálogos inter-religiosos*; no de Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões, em *Escrever a resistência: uma análise das dinâmicas religiosas como narrativas insurgentes na Revolta dos Malês*; no da autora Sônia Regina Corrêa Lages, em *Preto-velho, memória e juventude umbandista*; e a partir do autor

Paulo Ayres no trabalho intitulado *Sobre a Luta pelo Direito do Outro de Ser Diferente*. Problemas análogos, mas no contexto da diáspora africana na Índia, são discutidos no artigo de Jesudas M. Athyal, *From Siddis to Dalits: Racial Prejudice in India, the Legacy of the Caste System*.

A importância da memória e das tradições para a manutenção das religiosidades de matriz africana são contemplados nos trabalhos de Kelly Rabello em *A coroação de Reis Negros e a tradição Congadeira: um elo entre o Velho e o Novo Mundo*, e no de Zuleica Dantas Pereira Campos no artigo *Transmissão de conhecimento nos terreiros: O Terreiro Santa Bárbara do Portão de Gelo entre a modernidade e a tradição*. E refletindo sobre a influência do pensamento africano sobre a cultura europeia, Ullrich Relebogilwe Kleinhempel apresenta o artigo *Africa's influence on European culture: conditions, impact and pathways of reception and Placide Tempels' Bantu Philosophy*.

No campo da arte e o sagrado nas religiões de matriz africana, Felipe Fanuel Xavier Rodrigues apresenta *Tradições africanas recriadas em prosa e verso*, e a autora Luiza Magaly Santana Oliveira Reis apresenta *Artes visuais e rituais umbandistas: uma experiência poética com os objetos cerâmicos utilizados no peji de mãe Isabel*.

As autoras Andiará Barbosa Neder e Gilciana Paulo Franco discutem o papel das mulheres em diferentes campos religiosos no trabalho intitulado *Lideranças femininas nas Folias de Reis, nas Umbandas e Candomblé: uma análise de fluxos e refluxos*.

Quanto à interface saúde e comunidades de terreiro no Brasil, Daniela Calvo apresenta essa relação no candomblé, em seu trabalho *Contribuição ao estudo da noção de pessoa no candomblé*. Ainda sobre a interface entre tradições religiosas e saúde, o contexto desse tema na África é discutido no artigo de Lily Rose Nomfundo Mlisa, *I am an igqirha (healer): phenomenological and experiential spiritual journey towards healing identity construction*, e no artigo de Michael Matthew, *Faith Borders, Healing Territories & Interconnective Frontier? Wellness & Its Ecumenical Construct in African Shrines, Christian Prayerhouses & Hospitals*.

Por fim, o transe religioso e a incorporação das entidades sagradas recebem o olhar do autor Ernani Francisco dos Santos Neto, no artigo *Reflexões acerca do transe religioso e sua relação com as religiões afro-brasileiras*.

Desejamos que esta edição da Revista Numen possa trazer aos seus leitores muita inspiração para reflexões sobre esse tema tão significativo na contemporaneidade no estudo e pesquisa sobre religião.

Prof^a. Dr^a. Sônia Regina Corrêa Lages [Editora do número]
Prof. Dr. Afe Adogame [[Editor do número]
Prof. Dr. Felipe Fanuel Xavier Rodrigues [Editor do número]
Prof. Dr. Raimundo César Barreto, Jr. [Editor do número]
Prof. Dr. Humberto Araujo Quaglio de Souza [Editor da revista]